

## Tradução comentada de três capítulos do romance *Fanta* (2023), de Robert Schade

Michael Korfmann<sup>1</sup>  
Gabriella Bugs Ache<sup>2</sup>  
Henrique Macheimer<sup>3</sup>  
Rafaela Radünz Lazzari<sup>4</sup>

**Resumo:** Nosso artigo oferece uma tradução comentada de três capítulos do romance *Fanta* (2023) do autor alemão Robert Schade. Após um resumido olhar sobre a temática do romance, o mundo futebolístico, na história literária, o artigo versa sobre as reflexões e decisões tradutórias tomadas; na última parte são apresentados os capítulos 1, 6 e 13 do romance em língua portuguesa.

**Palavras-chave:** literatura alemã; *Fanta*; Robert Schade.

**Zusammenfassung:** Unser Beitrag bietet eine kommentierte Übersetzung von drei Kapiteln aus dem Roman *Fanta* (2023) von Robert Schade. Nach einem kurzen Blick auf das Thema des Romans, die Welt des Fußballs, in der Literaturgeschichte, werden die Überlegungen und translatorischen Entscheidungen bei der Übersetzung ins Portugiesische erörtert; im letzten Teil werden die Kapitel 1, 6 und 13 des Romans in der portugiesischen Fassung vorgestellt.

**Schlüsselwörter:** deutsche Literatur; *Fanta*; Robert Schade.

### Introdução

Nosso artigo apresenta uma tradução comentada de três capítulos da obra *Fanta*, romance de estreia do autor, professor e tradutor alemão Robert Schade. Em termos temáticos, tem como pano de fundo o mundo futebolístico e assim insere-se numa lista bastante longa de publicações, sejam elas ficcionais ou autobiográficas, situadas neste ambiente. Podemos citar aqui, por exemplo, *Fever Pitch* (1998) do inglês Nick Hornby, mas também na história literária de língua alemã encontra-se um número surpreendente de textos com essa temática: já em 1919, Joachim Ringelnatz publica um poema humorístico com as seguintes linhas iniciais:

---

<sup>1</sup> Professor titular do Departamento de Línguas Modernas da UFRGS. E-mail: michael.korfmann@ufrgs.br

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Bacharelado em Letras da UFRGS, habilitação Tradutor Português-Alemão. E-mail: gabibugsache@gmail.com

<sup>3</sup> Graduando do curso de Bacharelado em Letras da UFRGS, habilitação Tradutor Português-Alemão. E-mail: macheimerhenriquecontato.com

<sup>4</sup> Graduanda do curso de Bacharelado em Letras da UFRGS, habilitação Tradutor Português-Alemão. E-mail: rafaelalazzari@hotmail.com

Der Fußballwahn ist eine Krankheit, aber selten, Gott sei Dank.<sup>5</sup>

Fazem também parte desta lista Ödön von Horvath e sua *Legende vom Fußballplatz* (Lenda do campo de futebol); o jornalista Egon Erwin Kisch, que era jogador ativo em Praga antes da Primeira Guerra Mundial; nos anos de 1950, após a vitória no campeonato mundial pela Alemanha em 1954, Arno Schmidt fala em seu romance *Das steinerne Herz* (O coração de pedra) do *Fritz-Walter-Wahn*, ou seja, a mania de Fritz Walter, jogador destacado na final da copa de 1954; o autor austríaco Peter Handke apresenta dois títulos com referências ao mundo futebolístico, primeiro seu famoso ready-made *Die Aufstellung des 1. FC Nürnberg vom 27.1.1968* (A escalação do clube 1. FC Nürnberg do dia 27 de janeiro de 1968), bem como seu romance *O medo do goleiro diante do pênalti*, adaptado para o cinema em 1972 por Wim Wenders. Podemos ainda mencionar a publicação de F. C. Delius *Der Sonntag, an dem ich Weltmeister wurde* (O domingo quando me tornei campeão do mundo, 1994), ou o poema de Günter Grass sobre o *Nächtliches Stadion* (Estádio de futebol à noite, 1955), bem como os três romances sobre futebol de Ror Wolf: *Punkt ist Punkt* (Ponto é ponto, 1971), *Die heiße Luft der Spiele* (O ar quente dos jogos, 1980) e *Das nächste Spiel ist immer das schwerste* (O próximo jogo é sempre o mais difícil, 1982). Uma discussão mais ampla sobre a relação entre literatura e futebol pode ser encontrada em publicações como *Wie ein langer Satz: ein Gespräch über Fußball und Literatur* (Como uma frase longa: uma conversa sobre futebol e literatura, 2022) de Ariel Magnus e Manuel Neukirchner ou *Querpässe. Beiträge zur Literatur-, Kultur- und Mediengeschichte des Fußballs* (Passes cruzados. Contribuições para a história medial do futebol, 2003) de Ralf Adelman, Rolf Parr e Thomas Schwarz.

O romance de Robert Schade acrescenta ainda um ângulo inédito aos títulos publicados até agora: trata-se de um jogador de futebol alemão, de nome Fanta, atuando no time do Flamengo no Rio de Janeiro, ou seja, sua narrativa também inclui aspectos interculturais dos dois países. O nome *Fanta* não se refere aqui ao famoso refrigerante, mas é uma alusão ambígua. De um lado aponta para as qualidades fantásticas do jogador, mas também se refere a um fantoche, controlado como um boneco por seus agentes e conselheiros. Curioso aqui é o fato que há, na história do futebol brasileiro, uma jogadora com esse apelido: Rosilane Camargo Motta ou apenas Fanta, uma ex-futebolista profissional, nascida em 14 de setembro de 1966 no Rio de Janeiro e que atuava como defensora. Seu apelido de “fantasma” veio de um técnico que

<sup>5</sup> Algo como: A mania de futebol é uma doença, mas rara, graças a Deus. Tradução dos textos em alemão pelos autores.

reclamava constantemente da ausência de Rosiliane das palestras antes dos jogos. Com o tempo, esse apelido foi reduzido para "Fanta".

Em termos estilísticos, o romance se apresenta numa configuração que Moritz Baßler chamou de “realismo popular” (2023), ou seja, uma configuração textual que não explora todas as possíveis complexidades de uma narrativa moderna e assim oferece uma leitura bastante facilitada sem, portanto, abrir mão de referências a certos “discursos éticos da atualidade” (BAßLER, 2023, p. 3).

Para que o leitor tenha uma compreensão melhor dos comentários e da própria tradução dos três capítulos desse romance, traçaremos rapidamente as linhas básicas na narrativa, mas sem revelar todo o conteúdo da obra. O livro inicia com o jogador de futebol profissional, Fanta, acordando sujo e perdido numa praça pública no Rio. Sua estadia no Brasil tinha sido um sucesso até então. Ele se estabeleceu há um tempo no continente estrangeiro e é popular. Entretanto, os acontecimentos da noite passada, um pouco nebulosos, podem lhe custar sua carreira, ainda mais porque seu clube entra em crise e o técnico torna-se um homem altamente aflito. Junto com seu tradutor Bismarck, Fanta tenta então desvendar os acontecimentos dessa noite misteriosa que ameaça sua própria existência.

### Comentários da tradução

Apontaremos aqui certos problemas que se apresentaram no trabalho com os capítulos traduzidos de *Fanta*. Algumas das situações pontuais de que trataremos a seguir estão relacionadas à recriação do estilo do romance, escrito em uma prosa literária e concisa, muitas vezes coloquial. O aspecto mais literário deste texto se apresenta já nos parágrafos de abertura do primeiro capítulo, em que os recursos estilísticos, sem perder sua objetividade, estão apontados numa direção mais poética. Estes são postos a serviço de uma descrição do cenário do romance (o Rio de Janeiro) buscando um efeito específico em sua apresentação: valendo-se de um tom quase propagandístico, Schade estabelece uma imagem da capital fluminense igualmente paradisíaca e estereotípica, que será minada pelos acontecimentos posteriores do romance.

Vejamos primeiro estes parágrafos iniciais no texto de partida:

Die Sonne steht hoch am Himmel. Der Fuß im aufgewärmten Strandsand von Copacabana. Wie raffinierter Zucker. Eine vom Salzwasserfilm überzogene Haut, die ein matter, so knapp wie möglich geschnittener Bikini bedeckt.

Schwenk auf den prallen Arsch der Carioca. Und als sie sich umdreht: ein strahlendes, perlweißes Gebiss.

Die Stadt am Zuckerhut. Weiche Hügel. Eine über den Hochhäusern thronende Jesusfigur mit ausgebreiteten Armen, um welche unaufhörlich Drohnen und Hubschrauber gleiten, die die Aufnahmen in die ganze Welt senden. Dann, wie ein Fehler in einer immer gleich ablaufenden Bilderreihe: Klick.

E tomemos, agora, a tradução que produzimos:

O sol alto no céu. O pé na areia quente de Copacabana. Como açúcar refinado. Uma pele coberta por água salgada, envolta num biquíni fosco, tão pequeno quanto possível. Panorâmica na bunda cheia da carioca. E, conforme ela se vira: uma dentição radiante, perolada.

A cidade no Pão-de-açúcar. Colinas suaves. Uma representação de Jesus entronada com braços abertos sobre os prédios, drones e helicópteros planando sem cessar ao seu redor, enviando imagens para o mundo todo. Então, como um erro em uma série de fotos sempre igual: Clique.

Nos parágrafos que se seguem, ao passar-se da descrição para a narração propriamente dita, o que se sobressai, sem que se abra mão do sentido literário do texto, é o tom despojado da escrita. Este pede que se busquem em vários casos equivalentes que preservem o nível cotidiano do discurso. Essa cotidianidade está marcada principalmente nas falas das personagens, a qual, dado o tema do romance, muitas vezes se incorpora a gíria futebolística. Lê-se, na primeira fala do primeiro capítulo, “‘Vor zwei Tagen hat er noch genetzt’, stellte jemand fest“, que traduzimos por “‘Dois dias atrás, ele ainda marcava’, disse alguém.”

O aspecto oral da fala está marcado não apenas no contraste entre o tempo verbal da fala (*Perfekt*) e o da indicação que a acompanha (*Präteritum*), mas também pela presença do verbo “netzen”, na conotação que assume neste contexto, isto é, no campo semântico do futebol. Aqui, “netzen” significa algo como “acertar na rede (*Netz*)”, o que traduzimos por “marcar”, buscando manter o tom natural da passagem. Acreditamos haver uma relação suficientemente significativa entre um termo e outro para justificar a opção.

Noutros casos, optamos também por soluções que buscassem uma relação forte entre o texto em língua de partida e aquele em língua de chegada, ainda que abrissem mão de algum traço do original. No trecho de diálogo “*Glaubst du etwa, ich habe in den letzten Stunden die Füße hochgelegt?*”, por exemplo, a expressão existente no original foi

traduzida por um equivalente mais literal: “E você acha que eu estive parado essas últimas horas?”

Em determinados pontos, era possível encontrar equivalentes para cada um dos elementos da frase, mas eles precisavam ser reorganizados, elegendo-se a tradução de uma sintaxe sonoramente familiar em alemão por uma sintaxe sonoramente familiar em português, ao invés, por exemplo, da formulação de uma tradução mais próxima do original em sentido gramatical, mas que gerasse algum estranhamento quanto à progressão rítmica da frase. Encontramos uma instância disso na frase “*Hier hast du übrigens einen Kaugummi für frischen Atem*”, em que “*übrigens*” (“aliás”) foi em nossa tradução deslocado para o começo da sentença: “Aliás, aqui, masque um chiclete para ficar com o hálito fresco.”

Estas são algumas das escolhas feitas na tradução do primeiro capítulo de *Fanta* a fim de tentar preservar o efeito do texto original.

Os maiores desafios do capítulo 6 foram aqueles relacionados ao futebol, visto que esse esporte, muitas vezes, apresenta uma terminologia bastante específica – que representa um desafio para aqueles que não são espectadores assíduos – e que demanda, portanto, uma pesquisa mais aprofundada. Assim, buscaram-se soluções que explicassem de maneira clara o que estava acontecendo durante a partida narrada. Nesse contexto, a primeira dificuldade foi a frase “[...]: *Die Knie abwechselnd wuchtig nach oben gerissen*”, literalmente “Os joelhos, alternadamente, moviam-se com força para cima.” Tal tradução, porém, não permitia ao leitor uma visualização clara do que estava acontecendo na cena, de modo que foi melhor ilustrá-la da seguinte maneira: “[...]: com força, trazia cada joelho até o peito alternadamente.” Um outro exemplo foi a frase “*Fanta erwartete schon, dass die Pille weit über ihn hinwegsegeln würde [...]*”, em que “*die Pille weit über ihn hinwegsegeln würde*” se tornou “chutasse alto por cima de sua cabeça”. O trecho “*Fanta überlegte kurz, den Ball über ihn zu chippen*”, no qual “*den Ball über ihn zu chippen*” poderia ser traduzido literalmente como “passar a bola por cima dele”, exigiu um pouco mais de pesquisa. Foi encontrado, então, o termo “cavadinha” que no futebol significa, justamente, passar a bola por cima de alguém. A versão final da frase, então, foi: “Fanta pensou brevemente em dar uma cavadinha.”

Além disso, estavam presentes algumas figuras de linguagem e expressões alemãs mais específicas que podem ser um desafio para um tradutor. A primeira delas foi na frase “[...] *und gab seinem Kontrahenten im Vorbeigehen einen kleinen Check mit*”, em que *einen kleinen Check geben* significa dar um empurrão e não uma olhada. A segunda estava no trecho “*Fanta erwartete schon, dass die Pille weit über ihn hinwegsegeln würde [...]*”, em

que *die Pille*, palavra que significa pílula, neste caso quer dizer bola – o que pode não ser tão óbvio à primeira vista. A terceira foi “*Marionettenhaft schnellte sein Arm in der Hoffnung nach oben [...]*”, que literalmente significa “Seus braços se moviam como uma marionete”, uma frase que soa um tanto estranha para um falante de língua portuguesa. À vista disso, “Seus braços gesticulavam incessantemente” foi a tradução escolhida, já que descreve melhor a ideia de mover os braços sem parar.

Por fim, também se mostrou necessário alterar a ordem de duas frases, de forma que a sequência de fatos fizesse sentido. O trecho, no original, era o seguinte:

*Bereits einige Bälle hatte er in den vergangenen Minuten für seine Farben erlaufen können, als er einem Rückpass in der Hälfte des gegnerischen Teams nachsprintete. Der Gegner war dazu übergegangen, die Bälle nur noch kopflos aus der eigenen Hälfte zu wuchten, in der Hoffnung, damit Zeit von der Uhr zu nehmen.*

Mantendo essa ordem, teríamos o seguinte:

Fanta já havia roubado algumas bolas para sua equipe nos últimos minutos, quando correu atrás de um recuo para a área do time adversário. Os adversários haviam começado a simplesmente chutar as bolas para longe de sua área, na esperança de ganhar alguns minutos.

Entretanto, isso não faria sentido, afinal como o personagem correria atrás do recuo se os adversários estavam chutando a bola para o outro lado do campo? Sendo assim, a ordem das frases foi invertida para que o trecho fizesse sentido – primeiro, as bolas foram tiradas do campo adversário e, depois, aconteceu o recuo:

Os adversários haviam começado a simplesmente chutar as bolas para longe de sua área, na esperança de ganhar alguns minutos. Fanta já havia roubado algumas bolas para sua equipe nos últimos minutos, quando correu atrás de um recuo para a área do time adversário.

No capítulo 13, também encontramos alguns desafios de tradução. Entre eles a tradução de expressões idiomáticas, como, por exemplo, “*die ärmsten Schweine*”, que pode ser traduzido literalmente como “os pobres porcos”, mas cujo significado é, na verdade, algo como “os pobres coitados”. O significado desse tipo de expressão pode às vezes não ser tão óbvio, causando um pouco de dificuldade na hora de traduzir. Outro exemplo é a fala “*Du spielst auf der Tribüne schön Taschenbillard*”, em que *Taschenbillard spielen* literalmente significa jogar sinuca de bolso, mas é uma expressão chula equivalente ao nosso “coçar o saco”, nesse caso dando o sentido aqui de ficar sem fazer nada. Assim, a tradução escolhida foi “Você fica coçando o saco nas arquibancadas”. Aqui também se

pode notar a adição do verbo ficar junto com um gerúndio, como forma de tentar se aproximar da fala coloquial do português.

Linguagem figurativa também é algo que requer certo cuidado. Às vezes a expressão usada na língua de partida é parecida com outra na de chegada, como é o caso de “*Mit einer weiteren Niederlage würden die Diskussionen um den Trainer wieder von neuem aufflammen.*”, traduzido por “Mais uma derrota reacenderia as discussões sobre o treinador”. Aqui, tanto *von neuem aufflammen*, quanto *reacender* tem o mesmo sentido, mas nem sempre se tem tal sorte. O tradutor deve prestar atenção ao uso desse tipo de linguagem, se quiser mantê-la em sua tradução.

Esse capítulo também apresenta alguns termos específicos, que, devido à falta de conhecimento sobre como são chamados em português, precisaram ser pesquisados. Nem sempre, entretanto, foi possível encontrar um termo exato, como para *Medizinbälle*, que são bolas duras e pesadas usadas em treinamento, mas que no Brasil são vendidas com mais de um nome, como, por exemplo, bola de treinamento, bola de peso, ou ainda, aproximando-se do alemão, *Medicine Ball*. Nesse caso, optamos por bolas de treinamento, que parece transmitir o significado sem se explicar demais. Além disso, é preciso avaliar como algo é chamado aqui, em português, em comparação com como é chamado em alemão. “*Auf diesen Kanälen*”, por exemplo, foi traduzido como “nessas redes sociais”, pois, apesar de ser possível que o leitor associe a expressão a canais de informação, essa palavra geralmente leva a pensar especificamente em canais do YouTube, e não em outras redes sociais. Também há a questão de o quão conhecido algo é: “*Kaufhaus Renner*” foi traduzido somente como “Renner”, por ser uma rede de lojas já bem conhecida no Brasil.

Outro desafio na hora de traduzir pode ser a distância entre certos elementos em uma frase que no português normalmente estariam próximos. Logo no início do capítulo 13, por exemplo, temos “*Fanta machte es sich im Mannschaftsbus, der nur einige Wochen vorher bei einer aufwendigen Lasershow lanciert worden war, mit einem Sprudelwasser gemütlich*”, em que o verbo *sich machen* (“fazer-se”) está bem distante do advérbio *gemütlich* (“confortavelmente”), no canto oposto da frase. Na tradução, para manter a fluidez do português, optamos por manter esses elementos, além de usar o verbo “instalar-se” para deixar mais claro o sentido da frase: “Fanta se instalou confortavelmente”.

Uma diferença entre o alemão e o português que pode causar um pouco de confusão é o fato de que no primeiro é possível começar uma frase com um pronome relativo, enquanto no segundo, fazer isso soaria um tanto estranho. Um exemplo disso pode ser visto em “*Die ihre Sinne schärfen*”, em que o pronome relativo *die*, ao invés do pronome pessoal *sie* (“elas”) refere-se a “*Damen*” (“senhoras”), que aparece em uma frase

anterior: “Dann die [...] Damen unten in Leblon”. Na tradução desta segunda frase, adicionamos o verbo ver – “Então viu as senhoras no Leblon” – por questão de clareza e também para se aproximar de como se falaria no português. No alemão, o verbo é usado no início do parágrafo, que começa com “Fanta sah”, mas depois não é repetido.

O contrário, remover repetição, também foi feito: em “*ausrangierten Karnevalsfiguren, die auf einem Platz am Rande der Stadt entsorgt [...] wurden*”, tanto *ausrangiert* quanto *entsorgt* trazem a ideia de rejeitado ou descartado, por isso optamos por traduzir como “bonecos de carnaval, que foram descartados em uma praça na periferia da cidade”.

Por último, um verbo que trouxe certa dificuldade foi *feilen*, em “*In nachdenklichen Momenten feilten sie an ihren Wünschen für die nächste Tätowierung*”. Esse verbo tem o sentido de retocar. Na tradução, utilizamos o verbo refletir, por soar mais natural ao mesmo tempo que traz a ideia de ação repetida: “Em momentos pensativos, eles refletiam sobre seus desejos pela próxima tatuagem”

### Tradução do capítulo 1

O sol alto no céu. O pé na areia quente de Copacabana. Como açúcar refinado. Uma pele coberta por água salgada, envolta num biquíni fosco, tão pequeno quanto possível. Panorâmica na bunda cheia da carioca. E, conforme ela se vira: uma dentição radiante, perolada.

A cidade no Pão-de-açúcar. Colinas suaves. Uma representação de Jesus entronada com braços abertos sobre os prédios, drones e helicópteros planando sem cessar ao seu redor, enviando imagens para o mundo todo. Então, como um erro em uma série de fotos sempre igual: Clique.

Ele abriu os olhos. O sol já brilhava forte. Para o observador na Praça Quinze parecia que Fanta tivera a intenção de assustar alguém. Alguns o reconheciam imediatamente, outros olhavam fotos em alta-resolução nos seus smartphones, nas quais ele aparecia com seu sorriso radiante, bem penteado no colarinho rubro-negro diante do logo da patrocinadora NET, e as comparavam com a aparição que encontraram aqui no terminal.

— Dois dias atrás, ele ainda marcava — disse alguém.

Fanta ficou de pé, em transe, sobre o concreto quente. Como um coroinha na missa de Natal. Ele parecia sujo. A cara barbada e em desalinho. A camisa branca estava



coberta de manchas que distorciam o brasão do clube ao ponto de torná-lo irreconhecível. Também havia restos de glitter. O cabelo estava espetado em todas as direções.

O lugar se encheu com cada vez mais passageiros vindos da cidade satélite de Niterói, que saíam da balsa para a luz do dia em direção ao trabalho. O sol já estava alto. Ao fundo se encontrava, revestido de cores gritantes, o terminal para a travessia da Baía de Guanabara. Há mais de duzentos anos, havia aportado aqui o rei de Portugal, junto de sua corte e sua biblioteca, que também haviam embarcado rumo à colônia brasileira, e de rua em rua abrira-se a partir daqui o centro da cidade. Talvez ele tenha olhado em torno uma última vez, depois de sua longa viagem, antes de todos os navios serem descarregados e ele novamente pisar em terra firme. Tudo começou com um mal-entendido, e daí surgiu o nome da cidade. Porque o que tinha sido atravessado não era um rio vindo do mar, como supunham os descobridores alguns séculos atrás. Era apenas uma baía, em que a água nesse instante refulgia.

Por alguns momentos reinou a calma. E de repente eles começaram a filmar, e Fanta protestou com a mão erguida, também porque a luz do sol incomodava seus olhos sensíveis. A mão direita, em que se desenhava uma ferida, deixou cair no chão uma garrafa de cerveja. Tudo, ele sentia, parecia contaminado. Gritantemente contaminado.

Alguém agarrou seu braço.

— Você tem que sair daqui imediatamente.

Eles fotografavam seu rosto fatigado e marcado pelo sol. Ele estava prestes a desaparecer na luz branca do sol. Os espectadores apontavam impiedosamente o celular. E atrás seus olhos revelavam uma dor furiosa.

— Vem, se apoie em mim e vamos tentar dar alguns passos.

Ele sentiu o zoom das lentes cada vez mais perto do seu rosto. Aqueles que fotografavam certamente não gostariam de estar na sua pele. Diziam que seu auge já havia passado há muito tempo. Que ele agora, com trinta e três anos, ainda conseguisse alguma coisa, ninguém acreditava.

— Deixa eu ver a sua mão. Foi um gato que fez isso? — alguém perguntou perto dele. Ele se aproximou tanto de Fanta que sua respiração fazia cócegas na ferida.

Aqui, no centro da cidade, se estendia em todas as direções um deserto de concreto. SUVs mergulhavam nos túneis. Arranha-céus espelhados despontavam sem sentido no alto. Embora oferecessem sua sombra aos moradores durante todo o dia. Pelos desfiladeiros de casas ecoavam as ofertas dos engraxates, que com seus banquinhos arranhados abordavam homens de negócios. Também os ambulantes tentavam sua sorte.

No meio deles, os moradores de rua, que tinham embrulhado as calçadas com seus cobertores como fileiras lagartas em crisálidas e que guardavam suas forças para um futuro melhor. Fora do casulo, só o que era visível eram os pés sujos.

Apenas algumas horas atrás, Fanta se lembrava, ele tinha estado, com um copo na mão, em um evento com os patrocinadores. Estava bastante relaxado. Depois tinha começado essa corrida errática pela cidade. E então ele se levantou da sarjeta e se viu de súbito assunto de fotografias.

— Se apoie no meu braço. Eu vou tirar você daqui o mais rápido possível.

Fanta continuou ainda imóvel como se estivesse enraizado no lugar. Ele foi reconhecendo lentamente, através de sua visão embaçada, quem estava falando.

Alguns dos curiosos se afastaram, outros aparentemente já tinham enviado as suas fotos. Por um momento nada mais aconteceu. Até ele reconhecer Bismarck com clareza e ele o libertar de seu torpor, entre sussurros e luminescências dos celulares.

— Ah, é você.

Bismarck parecia tenso. Ambos correram até conseguirem despistar por entre becos sinuosos o último desses espectadores. Bismarck pagou para ele numa rua sombreada próxima dali um açaí gelado com frutas que Fanta comeu rápido demais e apagou sua dor de cabeça por um tempo.

— E agora eu estou realmente curioso: onde diabos você passou a noite? — Bismarck perguntou.

Fanta deu de ombros. Uma dor percorreu as suas costas. Ele de fato não conseguia se lembrar. Então, mediante certa concentração, foi recuperando alguns fragmentos da noite.

— Eu não consegui entrar em contato com você — Bismarck explicou para ele. — O seu telefone estava desligado. O técnico perguntou por você também. Porra. Você também não deu as caras no treino de manhã, e tudo isso sem explicação. Além disso, recebi ligações da agência, que eu nem atendi. Queria primeiro checar o que havia acontecido com você. Todos acham que você estava escondido.

— Ah, é. Tanto faz — respondeu Fanta.

— Dizem por aí que você quer forçar uma transferência para outro clube a qualquer custo. E Duffi já montou todo o circo com um dos seus clientes, embora ele jamais vá admitir isso. Mas com você e na sua idade isso era bastante improvável. Isso, com todo respeito, estava bem claro para nós.

— Fico aliviado que você pense isso — comentou Fanta e limpou com um guardanapo os cantos da boca, roxos de açaí.

Bismarck lhe alcançou uma água com gás gelada. Fanta precisou arrotar ar depois de ter tomado um gole maior.

— Em nome de Deus, você está bem bêbado — disse Bismarck. — Eu falei para o treinador que você estaria envolvido em negócios particulares e que o avisaria quando tivesse resolvido tudo. Vim diretamente para cá, deixei o carro em local proibido de estacionar.

As memórias da noite foram voltando devagar, tornando-se imagens cada vez mais claras. Seus olhos começaram a pesar.

— A propósito, você não parece nada bem. Há mais em jogo para você do que ser pego pela câmera num bad hair day. Aliás, aqui, masque um chiclete para ficar com o hálito fresco.

— E você acha que eu estive parado essas últimas horas?

Fanta enfiou na boca o chiclete.

— Não, mas eu também não estou aqui para aproveitar esse dia ensolarado — respondeu Bismarck.

No banheiro, Fanta se refrescou com água fria, que esfregou em seu rosto e no peito e passou no pescoço avermelhado. Os membros doíam. Um pouco de alongamento em frente ao espelho e sua expressão perplexa surgindo contra o papel de parede estampado. Ele percebeu uma bituca presa atrás da sua orelha e a camisa branca pontilhada de manchas. Ele jogou o cigarro no vaso sanitário e tentou lavar tão bem quanto possível as marcas de batom. Limpar a boca, feito. Ele quis então finalmente aliviar-se.

— Luana — ele pensou, enquanto disparava na privada o jato de urina.

Bismarck pagou e o levou até seu carro, estacionado por perto. Sob o ruído constante do veículo, que se afastava mais e mais do trânsito intenso do centro da cidade, Fanta cochilava.

### **Tradução do capítulo 6**

O apito do árbitro fez com que Fanta se voltasse da sua fase meditativa para o campo. O treinador o havia mandado para o aquecimento há apenas alguns minutos.

Ele se mantinha equilibrado na linha lateral do campo. Circulava a pélvis com as pernas afastadas. Pouco antes da substituição, ouviram-se cantos agitados dos torcedores pelo Maracanã lotado. No placar, foi exibido o logotipo vermelho e preto do clube. Ele

viu as enormes bandeiras, que se estendiam pelo outro lado do estádio, balançando no piso superior.

Seus joelhos tremiam. Sua respiração era curta e constante. Ele já havia, nos últimos minutos, aquecido a musculatura com todos os truques existentes: com força, trazia cada joelho até o peito alternadamente. Então, a fase de relaxamento. As pernas esticadas até doer. Por cinco segundos. Corridas curtas e sucessivas ao longo da linha. Passos enérgicos sem sair do lugar para estimular a circulação.

Fanta tinha jogado inúmeras partidas, mas a primeira para o novo clube trazia algo para o qual nunca se está preparado. Era preciso se provar desde o primeiro momento, para puxar o público para seu lado, já que para a torcida ele era apenas uma folha em branco. Todo o resto, ele sabia, não podia ser controlado.

Ele fechou os olhos e tentou se alinhar com o centro de seu corpo. O método havia sido ensinado a Fanta pelo treinador mental fornecido pela agência. Seu rosto, com olheiras profundas ao redor dos olhos cansados e a respiração pesada, veio brevemente à lembrança. A realidade parecia ser composta de várias imagens em sequência. Quando abriu os olhos, por alguns segundos, só conseguiu ver uma superfície verde. Mas bastou apenas um instante para que as linhas individuais, o campo e os movimentos dos jogadores tomassem forma. Fanta piscou os olhos. Então, foram exibidos os painéis de propaganda dos patrocinadores:

ESTRELA.

VIVO.

CASAS BAHIA.

Ele percebeu que as palavras perdiam seus significados se ele as olhasse por tempo suficiente. Que elas perdiam sua forma como um objeto cujo nome é pronunciado muitas vezes. Que se tornavam, assim, um material resistente e elástico. Quando Fanta estava nervoso, elas se dissipavam ainda mais em suas partes.

O estádio era um mito. Situado no bairro da Tijuca, aos pés das favelas, com casas coloridas, lá estava ele: o Maracanã, que, reconstruído há alguns anos, já havia sido o maior estádio de futebol do mundo. Visto de cima, parecia uma lanterna de papel futurista que se inclinava em direção ao seu próprio centro, junto com as saídas para a estação de metrô adjacente e as instalações esportivas que haviam sido abandonadas após as Olimpíadas. Separada apenas pelos trilhos de trem, encontrava-se a grande Favela Mangureira, sobre a qual o helicóptero do BOPE circulava, como uma ave de rapina esfomeada.

O nome maracanã, como havia explicado um simpático membro do clube a Fanta, durante sua primeira visita ao estádio, deriva da língua Tupi e imitava o canto de um papagaio nativo. Por algum motivo, Fanta guardou essa informação na memória.

Ao redor do estádio, em casas sombreadas, localizavam-se os bares, muito populares entre os estudantes da universidade próxima. Além disso, viam-se à distância os diversos acessos ao estádio, onde às vezes, em dias sem jogos, os gatos que ali viviam se aventuravam a dar uma olhada em busca de algum pedaço de carne. Aqui neste lugar de calor sobre-humano, quase como o de uma estufa, a lenda Pelé já havia jogado; o jogador Zico, com a camisa dez nas costas, havia conquistado inúmeros dos troféus exibidos nas vitrines e a seleção alemã, antigamente chamada Die Mannschaft, havia levado para casa, há alguns anos, o troféu da Copa do Mundo.

O placar estava 1:1. O técnico havia lhe dado algumas instruções táticas a serem seguidas, das quais uma ele não havia entendido por causa do barulho e a outra por causa do idioma estrangeiro. Mas Fanta, claro, sabia o que fazer.

Então o onze, seu número, brilhou na tela. O árbitro assistente, de cabelo bem escovado, empurrou-o, com mãos fracas, para a linha de meio-campo.

— Tire as mãos — disse Fanta, quando o árbitro o segurou na linha.

A torcida gritava seu nome, mostrado no painel. Ele cumprimentou Douglas, que seria substituído por ele, e deu seus primeiros passos no gramado. O gramado ficou brevemente empoeirado. O suor ardia em seus olhos. Fanta sabia que, naquele momento, as câmeras estavam voltadas para ele, e mudou para o modo spotlight. A primeira coisa que ele viu sob a luz ofuscante foram as arquibancadas, um mar de vermelho e preto. Um novo canto foi iniciado.

Ele escutou o apito do árbitro, que liberou o jogo, e em alguns segundos já estava correndo atrás da bola, que circulava entre o time adversário. O público delirou quando ele ganhou a primeira bola com sua corrida desenfreada.

O técnico, contrariando sua natureza, agitou os braços para animar o público. Quando Fanta ameaçou furar as fileiras adversárias depois de uma jogada maravilhosa, o adversário o derrubou. Acertou-o direto nas pernas. Que desgraçado, pensou Fanta com raiva. Os espectadores vaiaram.

Fanta se levantou novamente, cuspiu algumas folhas de grama e deu um empurrão em seu adversário quando ele passou. Por isso, Fanta recebeu um cartão amarelo. Pouco depois, em uma investida, sentiu uma pontada na coxa. Mas a dor estava dormente.

Foram acesos sinalizadores e o bloco dos Ultras ficou em chamas. A fumaça se espalhou e atingiu seus olhos. O ar quente tremia. O técnico gritou algo que se perdeu em meio ao murmúrio da multidão. Ele estava praticamente parado no ar.

A visão de Fanta ameaçou ficar turva várias vezes, o que ele bloqueou da melhor maneira possível.

Então chegaram os 44 do segundo tempo. Os adversários haviam começado a simplesmente chutar as bolas para longe de sua área, na esperança de ganhar alguns minutos. Fanta já havia roubado algumas bolas para sua equipe nos últimos minutos, quando correu atrás de um recuo para a área do time adversário. Era exatamente isso que ele havia previsto: o zagueiro como último homem havia recebido a bola. A equipe de Fanta avançou como uma manada voraz de predadores. O zagueiro tinha menos oportunidades de fazer passes significativos aos seus companheiros a cada segundo que passava: o coelho caiu na armadilha.

Uma leve garoa havia começado há alguns instantes. Fanta esperava que o zagueiro chutasse alto por cima de sua cabeça, quando este escorregou de repente na grama molhada. A torcida ficou em silêncio por um momento em que o estádio parecia congelado. Até mesmo as gotas de chuva permaneciam suspensas.

Ele não hesitou muito para passar com a bola pelo zagueiro, que tentou, sem sucesso, segurar sua camisa. A apenas alguns passos dele estava a goleira. O goleiro corpulento já vinha em sua direção, abrindo os braços como uma marionete para assustá-lo. Fanta pensou brevemente em dar uma cavadinha. O goleiro, por sua vez, parecia esperar por isso e se alinhou. Mas Fanta driblou o goleiro, que, de barba selvagem, tocou brevemente em seu pé. Ele ficou atrás de Fanta, olhando para ele como um cachorrinho abandonado em uma rodovia, com um último lampejo de esperança. Mas em vão. Mais tarde, Fanta pôde apreciar a cena em câmera lenta, na reprise da televisão.

A torcida estava próxima da loucura, e um arrepio de felicidade tomou conta dele quando o grito de gol ecoou finalmente pelo estádio. Ele se virou antes que a bola cruzasse a linha do gol e imediatamente se afundou em meio aos jogadores. Fanta cerrou os punhos com toda sua força.

De repente, ele estava segurando a camisa com a mão direita.

Alguém jogou água nele.

Que estreia!

Eles haviam virado o jogo: o placar exibia 2:1. O goleiro adversário ainda reclamava sobre alguma coisa qualquer. Seus braços gesticulavam incessantemente na esperança de encontrar algum motivo para que o gol fosse anulado. Logo em seguida soou o apito final. Mas não antes que Fanta recebesse um segundo cartão amarelo por tirar a camisa. Cartão amarelo seguido por um vermelho, mas isso não importava. Então, tudo pareceu ficar escuro e ele caiu no gramado, completamente esgotado.

Após um tumulto sem motivos muito aparentes, o árbitro distribuiu outros dois cartões vermelhos. O técnico, cheio de alegria, entrou correndo no gramado, tomou Fanta nos braços e disse algumas palavras das quais o jogador não conseguiu se lembrar mais tarde. Então, depois de abraçar todos os jogadores, o time seguiu em direção aos torcedores, que pulavam e gritavam a plenos pulmões atrás das grades.

De repente, um torcedor pulou sobre os painéis e conseguiu a camisa suada de Fanta, pagando por isso com hematomas causados pelos seguranças. Fanta bebeu de um gole uma garrafa da bebida isotônica, para matar a sede. A dor latejava em sua coxa. Um arranhão também ardia no ar úmido. Seu coração fazia seu corpo inteiro pulsar. Os pulmões vibravam. Completamente esgotado, ele deitou no gramado e ficou observando as arquibancadas. Os cantos continuaram fluindo pela vastidão da arena por um tempo, desaparecendo à medida que o estádio se esvaziava.

Fanta se acalmou. Ele queria ficar sozinho por um instante antes de mergulhar no banho de água fria. Alguns de seus colegas já estavam desfrutando das massagens. Na mesa da cabine, a chama fraca de uma vela ainda brilhava em frente à imagem da Santa Maria.

Depois de falar ao telefone com alguns amigos, e também com Duffi que o parabenizou euforicamente, Fanta saiu mais uma vez para recuperar o fôlego. O estádio estava completamente vazio. Apenas algumas pessoas com coletes amarelos e bonés sorriam em frente às cadeiras dobráveis. Sentindo-se como um rei, ele ficou no gramado por um tempo.

No dia seguinte, as vendas de camisetas vermelhas e pretas com o nome Fanta já haviam disparado. As Fanshops precisavam repor seus estoques rapidamente, relatou Bismarck com euforia. O uniforme com seu nome já era considerado um sucesso absoluto. E as manchetes dos jornais diziam: *Show! Fanta fantástico brilha na estreia. Um verdadeiro astro.*

### **Tradução do capítulo 13**

Com uma água com gás, Fanta se instalou confortavelmente no ônibus do time, que apenas algumas semanas antes havia sido lançado durante um show elaborado de lasers. Ele sentou perto de Rodrygo, que, atordoado com o barulho do motor, finalmente havia cochilado, e olhou para as imagens da cidade que passavam pela janela.

Agora, depois de uma semana de treinamento intensa, na tarde de sexta-feira, a primeira viagem para o jogo fora de casa do campeonato regional estava por acontecer. A pressão era grande, pois o jogo seria contra um time que não era apenas um

adversário, mas o maior rival do clube. Mais uma derrota reacenderia as discussões sobre o treinador.

Lá fora, Fanta podia ver as escoltas policiais, que acompanhavam o ônibus sob a luz do giroflex. Descontraído o corpo, ele olhou para o cemitério de bonecos de carnaval, que foram descartados em uma praça na periferia da cidade e estavam chamuscados com fogo que às vezes se alastrava.

Fanta viu as figuras enlouquecidas, às vezes crianças, com as barrigas inchadas levemente salientes, que seguravam uma toalha de rosto encharcada com cola de sapateiro e se moviam insanamente pelas ruas do bairro Laranjeira. Então viu as senhoras no Leblon, que faziam o sinal da cruz quando passavam pelas igrejas e cobriam-se com tecidos leves, protegendo-se com óculos de sol. Elas aguçaram seus sentidos, cuidando para não virar as caixas de papelão com suas pernas bem alimentadas, onde pobres coitados haviam se fechado para se proteger da poeira e do vento. Elas xingavam os moradores de rua, chamando-os de animais quando isso acontecia. Eles estavam deitados debaixo do letreiro luminoso com defeito da Renner, que pelo menos exalava um pouco de calor.

Fanta podia perceber, através das janelas espelhadas, os ônibus de linha roncando. Os trambolhos, com seus números mudando e mostrando as linhas “GAVEA” ou “COSME VELHO” nos displays luminosos, corriam de forma desenfreada nas rodovias e mergulhavam por alguns segundos na escuridão fria dos túneis. Nas paradas organizadas arbitrariamente na beira da estrada, o material humano comprimido ao máximo foi substituído.

Fanta escutou o canto dos cristãos fanáticos ou representantes de serviços telefônicos, que entoavam seus hinos psicodélicos sob o sol chamuscante. Um hidrante vermelho vivo, forrado com adesivos do Senhor com os cabelos lisos caindo sobre os ombros, vibrava na calçada e ameaçava explodir como uma caldeira superaquecida. Nos pilares da ponte no centro da cidade, a mensagem “JESUS É BOM” frequentemente aparecia pichada nas paredes.

No ônibus do time, os outros jogadores haviam se isolado de tudo com seus fones de ouvido. Alguns, como Fanta, olhavam distraídos pela janela, outros se encontravam, com os olhos meio fechados, em standby. A parte de trás das cabeças raspadas de Ricky Polo e Mosquito, uma fileira à frente, estavam escoradas nas ergonômicas almofadas de pescoço em vermelho e preto. De vez em quando, um dos assentos era silenciosamente reclinado. Todos estavam vestindo os mesmos conjuntos de agasalhos esportivos elegantes.

A maioria de seus colegas ainda eram quase crianças que foram trazidas das favelas das megacidades por agentes e assessores duvidosos, com a cabeça girando com



promessas e números em contratos escritos às pressas. Quando perguntadas sobre seus sonhos, eles dizem os nomes de clubes europeus famosos como um mantra sagrado: City da cidade industrial de Manchester, Internazionale da metrópole da moda, Milão, assim como Shakhtar da vastidão da bacia do Danúbio na Ucrânia faziam os corações baterem mais forte. E então as agências já abordavam seus futuros clientes, aproveitando seus contatos com os presidentes de clubes e gerentes. Cada um obviamente queria ter o próximo Golden Boy na sua lista de clientes.

Os jogadores mais jovens se combinavam por meio de um grupo no Messenger, atiravam-se no banco do passageiro de carros caros que algum de seus incontáveis irmãos ou amigos dirigia, passavam o tempo até o treinamento da tarde na piscina ou recriando o campeonato europeu em seus Playstations. Eles postavam fotos em intervalos regulares em suas redes sociais com muita dedicação. Principalmente Douglas, que, por causa de sua posição como substituto, não fazia outra coisa senão postar vídeos curtos em seu perfil. Cenas curtas com músicas de rap atuais tocando no fundo. De vez em quando uma companhia atraente, que havia sido arranjada para uma festa, aparecia na foto. O ritmo da minha vida escrito em baixo.

Nessas redes sociais, eles exibiam também seus suéteres Gucci novos e as calças jeans desgastadas. Alguns jovens honestos bons de bola e com uma alegria pura ao jogar, que era esboçada nos rostos bronzeados durante as sessões de treinamento. Eles completavam seus visuais com um boné de beisebol, uma regata e uma corrente de ouro por baixo. Os garotos não conversavam muito fora do gramado – depois do treino, colocavam seus fones de ouvido e Ray-Ban espelhados e se ocupavam sobretudo com seus smartphones. Em momentos pensativos, eles refletiam sobre seus desejos pela próxima tatuagem, que mostrariam ao tatuador no dia seguinte, se ainda houvesse um espaço livre em seus braços. Às vezes, depois dos treinos, eles faziam cortes undercut ou aparavam o topo do cabelo com o cabeleireiro, que chegava acompanhado de murmúrios admirados, ou pediam a presença dele no quarto antes dos jogos fora de casa. Outros escolhiam ainda cortes de cabelo extravagantes e dinâmicos das incontáveis revistas de moda ou se inspiravam em blogs populares. Fanta preferia ficar na dele.

A conversa do grupo dos supervisores do time nas mesas dobráveis era quase imperceptível. Nas fileiras de assentos, estavam quietos e concentrados, todos pareciam se preparar para a partida.

Bem na frente, na primeira fileira, Fanta podia reconhecer a cabeça do treinador de perfil. Com uma barba grisalha que se eriçava de uma forma cada vez mais selvagem, como se quisesse já se assemelhar visualmente a seu sucessor, o treinador parecia estar nervoso. No campo de treinamento assim como no vestiário ao longo da semana, ele

ficava cada vez mais inacessível e absorto. Ele terminara a conferência de imprensa, antes da saída para o jogo, calado em frente aos jornalistas. Ele mexera no microfone de lapela altamente sensível, que amplificou sua respiração pesada, e dizendo frases de perseverança, segurando o copo do patrocinador, que ameaçava quebrar sob a pressão. O público olhou para um rosto duro como uma pedra e marcado por noites sem dormir.

Ele desaparecia depois dos treinamentos e dos compromissos com a imprensa em seu carro de médio porte, deixava, por um momento, como para mostrar sua determinação, as rodas girarem e, em seguida, se unia ao trânsito engarrafado da cidade. Faltara somente bolas de treinamento rachadas, além de um bigode duro e encerado, umedecido pela saliva de um apito balançando em seu pescoço, e a escola soviética estaria completa. E também no resto se pode notar o frio sopro do estalinismo: cada um dentro do time estava sob vigilância intensa. No vestiário, apenas poucas palavras eram trocadas em sua presença. Agora, somente resultados poderiam salvar o homem silencioso.

Fanta viu na Avenida Brasil as barracas, construídas na encosta dos canais com carrinhos de compra e folhas de plástico, ao redor de cachorros de rua procurando restos de carne. Dos canais, exalava um cheiro pútrido. Dois vira-latas brigavam no canteiro central da estrada com diversas faixas e então, cansados do sol excessivo, mergulhavam nas sombras.

O olhar de Fanta caiu sobre os policiais fortemente armados e usando óculos de sol, que, com as sirenes iluminadas nos carros atravessados, marcavam os principais pontos da cidade e sopé das ruas nas periferias das favelas. Suas fisionomias rigidamente traçadas já pertenciam parcialmente ao reino da morte, encontrando-se sempre na fronteira entre a vida e a próxima bala nas entranhas. Poucos dias atrás em uma ação celebratória, eles haviam apagado sete traficantes com tiros na cabeça. Sete de uma só vez, escrevera Duffi em uma mensagem, adicionando uma figurinha com um joinha e uma granada de mão explodindo. Os corpos dos bandidos foram retirados do mar nos dias seguintes sob aplausos dos abastados que moravam perto do bairro Urca. Ele não comentara a mensagem de Duffi.

Um pouco para fora do centro, perto do aeroporto, dois meninos negros se refrescavam do calor do sol em um tonel azul na beira da estrada. Um deles estava mergulhando sob a superfície da água, enquanto o ônibus do time parava em um cruzamento. A água espumava enquanto ele perfurava a água, emergia e sacudia a cabeça. Alguns respingos criavam um arco-íris, e então o rosto do garoto se refazia. Por algum motivo, Fanta pensara no menino loiro de uma marca berlinense de cerveja, que de forma atrevida sentava em um caneco de cerveja e, de lá, olhava para fora. Quem

sabe, ele se perguntou um tempo depois, que menino nadando no caneco de cerveja tinha servido como modelo para o menino dourado naquela época, em 1907, para o menino dourado.

Eles sentaram por um longo tempo encostados contra seus assentos, isolados dos sons da rua pelas janelas espelhadas. Como um público de cinema desinteressado. E então, por causa da supersaturação, as imagens pareciam para Fanta cada vez mais devagar e com menos intensidade.

Quando o ônibus do time finalmente chegou no estádio coroadado com luz, já estava escuro. Uma multidão agitando bandeiras, que só depois de diversas tentativas abriu um caminho para passagem, recebeu-os, ao lado das sirenes das motos dos policiais e dos flashes das fotos. E, nesse momento, o nervosismo cada vez mais frequente antes do jogo aumentou imensamente, apesar de, no time de Fanta, a confiança reinar suprema.

Entretanto, nessa noite seria diferente: das arquibancadas, Fanta, com uma bebida na mão, observava outra derrota, que deveria agravar a crise do clube. Alguns fãs de fora, que haviam chegado para apoiar o time, deixaram o estádio antes mesmo do apito final. Parecido com os jogadores, que fugiam com pressa e medo da multidão irritada no túnel dos jogadores. Somente o treinador continuava a conversar com os jornalistas, procurando, com um ar de sofrimento, palavras para a derrota.

Depois do jogo, quando Fanta entrou no vestiário movido por um sentimento indefinido, o silêncio predominou. Então quase todos permaneceram com a cabeça abaixada. No chão, os uniformes, caneleiras e camisetas húmidas estavam espalhadas por toda parte. Claramente, qualquer palavra era supérflua.

— Se levantem e bola para frente — disse Fante quebrando o silêncio com calma, do qual se erguia apenas o fedor bestial de corpos masculinos suados. Algumas cabeças assentiram, mas ninguém respondeu.

— Cale a boca — sussurrou então Douglas em meio a atmosfera tensa, que, apesar de um desempenho medíocre nos treinos, recebera do treinador alguns minutos no campo, na posição do Fanta, mas sem conseguir se destacar.

— Você fica coçando o saco nas arquibancadas e bebendo, enquanto nós ralamos lá embaixo — acrescentou, dirigindo-se a Fanta. Ele não o encarou nenhuma vez, continuando a mexer em seu smartphone. Os outros não ouviram ou fingiram não ouvir.

— O que você disse? — perguntou Fanta e deu um passo em direção a ele, em parte por não ter certeza do que ele murmurou, em parte por reflexo.

— Você deveria calar a boca — Douglas repetiu agora levantando a voz, deixou o celular de lado e ergueu-se de uma vez como uma máquina potente. Fanta podia ver

as mechas loiras que ele havia tingido sobre o cabelo preto no topo da cabeça. Para piorar as coisas, elas o cegavam.

— Se manda — resmungou Fanta e olhou de perto para Douglas, que era uma cabeça mais baixo, mas maciço. — O que você quer de mim? — Ele tentou o segurar pela camiseta suada, sua mão imediatamente escorregou.

— O que eu quero de você? Você vem aqui, faz um jogo bom e dois dias depois já está nas manchetes. Acordando nas ruas do centro como um vagabundo — disse ele então — totalmente constrangedor. Só gente sem-teto faz isso. Um completo favelado.

Douglas se soltou.

O comentário o acertou em cheio. Fanta ficou paralisado.

Douglas deu mais um passo até ele. Nesse intervalo, Ricky Polo e Mosquito, dois colombianos pequenos, tentaram separar os dois. Fanta empurrou Douglas para longe de si, desequilibrando-o um pouco, antes de outros jogadores se colocarem entre os dois. Então ele atirou sua camiseta no chão e sumiu para baixo de um chuveiro.

Quando o treinador finalmente voltou ao vestiário com uma cara vazia e visivelmente chateado por causa das tentativas desesperadas de dar explicações, tudo estava acabado. Até mesmo ele, Fanta entendeu então, estava com os nervos à flor da pele. Na viagem de volta no ônibus do time, havia um silêncio total.

### **Considerações finais**

Com as traduções acima, buscamos apresentar ao leitor brasileiro parte de um texto que, como foi dito, se inscreve numa linha narrativa que tematiza o futebol já estabelecida na literatura de língua alemã. Um campo orientado pelo mesmo assunto poderia ser também identificado nas literaturas de língua portuguesa e na brasileira em específico, em que a literatura futebolística é desde muito tempo amplamente praticada, seja no romance, no conto, na crônica ou no ensaio. O enredo de Fanta já estabelece por si só uma forte relação com o Brasil, da qual pode advir um interesse natural por parte do leitor e da eventual crítica para este romance. Se admitirmos, além disso, que o campo literário de um país ou de uma língua não se constitui apenas por aqueles textos produzidos nessa língua, mas pelo que nela é lido, incluindo as traduções e o modo como a publicação destas vem a influenciar os autores desta literatura, então podemos ver com clareza o interesse que o livro de Robert Schade representa para esse segmento de nossa produção literária, bem como para seus estudiosos.

Neste estudo, foi de nosso interesse divulgar não apenas este texto, mas também o processo tradutório que buscou recriar no português brasileiro parte de uma obra ficcional escrita em alemão e que já sugeria, por seu conteúdo, uma conexão entre ambas

estas línguas-culturas. Ao longo desta tradução, fomos confrontados com desafios de naturezas diferentes, fossem acerca do vocabulário específico de ambas as línguas, expressões idiomáticas e estruturas frasais. Desafios esses que nos inspiraram a buscar as soluções que melhor se encaixassem no português brasileiro, mantendo ainda as características estilísticas e o tom da obra de Schade. Esperamos que esta experiência de tradução sirva de base para futuras traduções, além, é claro, de permitir que o público brasileiro conheça *Fanta*.

### Referências

ADELMANN, Ralf, PARR, Rolf e SCHWARZ, Thomas 2003. **Querpässe. Beiträge zur Literatur-, Kultur- und Mediengeschichte des Fußballs**. Heidelberg: Synchron Verlag, 2003.

HORNBY, Nick. **Fever Pitch**. New York: Riverhead Books, 1998.

MAGNUS, Ariel e NEUKIRCHNER, Manuel. **Wie ein langer Satz: Ein Gespräch über Fußball und Literatur**. Göttingen: Wallstein Verlag, 2022.

SCHADE, Robert. **Fanta**. Erfurt: kul-ja! publishing, 2023.